

Editorial

LEONARDO BARBAGALLO
Editor de Artigos

*Navegar é preciso,
viver não é preciso.*

Modernidade, contemporaneidade, mais do que apenas momentos atuais, consistem em realidades históricas, que impregnam a vida cotidiana de novos sentidos produzidos pelos homens em sua prática de produzir a própria vida.

A prática de produzir a própria vida não é, em si, nada precisa; não tem a precisão que a intencionalidade humana lhe atribui desde o momento em que é formulada. Os resultados das ações humanas podem ser em parte previsíveis, mas nunca precisos.

É por isto que, na modernidade, os homens passam cada vez mais a produzir conhecimento sobre a própria vida humana. Não que tal produção seja inteiramente novidade. Claro que, desde a antiguidade clássica, os gregos já pensavam sobre a vida social propriamente, quer dizer, sobre o comportamento humano em suas variadas expressões: política, psicológica,

econômica, cultural. Também durante o longo período medieval, as necessidades sociais produziram grandes pensadores, como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e muitos outros que pensaram a vida social tendo como paradigma as formulações teológicas.

Então, onde está a novidade? Esta pode ser encontrada justamente na obra do Iluminismo, o qual inaugura – depois de Maquiavel – a compreensão sobre o ato humano como ato social e histórico, quer dizer, como ação propriamente dos homens.

Tudo isso porque, se navegar é preciso, viver os motivos, o itinerário e o resultado da navegação, bem, esses não são precisos!

É por tal precisão – agora com o sentido de necessidade –, que se apresenta à sociedade uma série de artigos produzidos por agentes públicos integrantes do quadro de funcionários do

Poder Legislativo Municipal de São Paulo, publicados no interior da Revista do Parlamento Paulistano, mostras da contemporaneidade que conjuga e combina em formatos novos e em formas inusitadas a produção e a divulgação do conhecimento.

A produção do conhecimento que se faz agora para a navegação, não mais marítima, mas a navegação no interior da vida social, política e, por conseguinte, histórica. Produção de conhecimento porque *viver não é preciso!*

No artigo *Fontes históricas e o legislativo paulistano*, o presente no Poder Legislativo se torna prelo de contemporaneidade, pois é assumido e explicitado como lugar e acervo para a produção de conhecimento, expressão das várias combinações que são constitutivas desta contemporaneidade.

Atividade Industrial no Município de São Paulo: panorama histórico e perspectivas futuras transforma dados em informações, tomando passado, presente e futuro para, justamente, pensar o presente e as contribuições do Poder Público na produção do futuro, futuro não preciso.

Tratando dos *Aspectos gerais da remediação de áreas contaminadas na implantação*

de projetos urbanos e paisagísticos, esta publicação traz a contemporaneidade em suas características distintas, pois que apresentam os resultados e as exigências de um passado não preciso, na tentativa de que o presente, tomando isso em conta, prepare um futuro preciso!

No artigo *O trabalho à procura de um direito: crise econômica, conflitos de classe e proteção social na modernidade*, conjugam-se modernidade e contemporaneidade, pois que o campo dos direitos, como superação dos privilégios característicos do *Ancien Régime*, enfrenta, na contemporaneidade, a tentativa de seu desmantelamento, uma vez que a “crise econômica” nada tem de preciso!

Num editorial, oscila-se entre o convite – que deve ser atencioso e breve – e as explicações, quase sempre imprecisas. Portanto, convidamos aqui o leitor a que se torne, pela leitura dos artigos anunciados, o protagonista preciso!

Uma última advertência, nesta história que conjuga a navegação precisa com uma vida não precisa: na modernidade e mais ainda na contemporaneidade *tudo que é sólido desmancha no ar.*